

“Os ossos do irmão dele” – uma narrativa tradicional Laklãnõ recuperada*

“His brother’s bones” – a Laklanõ traditional recovered narrative

Odaír Vedovato**

1 Introdução

O antropólogo norte-americano Jules Henry (1904-1969) viveu entre os Xokleng/Laklãnõ de Santa Catarina entre dezembro de 1932 e janeiro de 1934, período em que recolheu ampla documentação sobre a organização social e a língua Xokleng, incluindo mitos e narrativas tradicionais, muitas das quais ainda inéditas. Os materiais de Jules Henry, doados pela família, encontram-se em acervo na Washington University in St. Louis, nos Estados Unidos, cujos responsáveis nos franquearam o acesso, digitalizaram os arquivos, que nos encaminharam (ao todo, 998 páginas)¹.

Esse trabalho resgata, para o conhecimento e uso dos próprios Laklãnõ (mas também a outros pesquisadores, sejam linguistas ou antropólogos), um fragmento dessa vasta e importante documentação preservada na Washington University e, agora, disponível para toda a comunidade acadêmica². Há nisso dois objetivos, pelo menos: levar ao conhecimento da

¹ O autor deve um agradecimento muito especial a Miranda Rectenwald, arquivista assistente na Washington University in St. Louis, onde o material de Jules Henry se encontra, por seu trabalho extraordinário e seu esforço pessoal em fazer com que esse material fosse disponibilizado.

² Foi em razão de nosso interesse, e dos contatos realizados para dar andamento à pesquisa que deu origem a este artigo, que os responsáveis pelo acervo de Jules Henry ocuparam-se de digitalizar a documentação ali arquivada, e deliberaram, recentemente, disponibilizá-la na internet. Como parte do projeto de pesquisa apoiado pela FAPESP também produzi uma primeira catalogação (em português e em inglês) das cerca de mil páginas de manuscritos de Jules Henry de materiais Laklãnõ.

* Texto resultante da Iniciação Científica desenvolvida durante a Graduação em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, com o apoio da FAPESP (Processo 2012/19691-0), sob a orientação do Prof. Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis.

** Graduado em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp com especial interesse em línguas indígenas. Foi bolsista FAPESP, desenvolvendo pesquisa de Iniciação Científica trabalhando com materiais inéditos do antropólogo Jules Henry sobre a língua e cultura Xokleng (Laklãnõ). Participa do Projeto Web Indígena que promove a inclusão das línguas indígenas e respectivas comunidades no mundo digital. E-mail: odairvedovato@gmail.com

comunidade a existência dessas narrativas e dar o primeiro passo que permita uma análise profunda da língua Xokleng sob o efeito da passagem dessas oito décadas, tomando esse material por referência.

2 O povo Laklãnõ/Xokleng e o contato com a sociedade nacional

No mês de Setembro de 2014, a comunidade Xokleng realizou eventos para relembrar 100 anos do contato com a sociedade não indígena, marcado pelos primeiros contatos amistosos com os agentes do SPI (Serviço de Proteção aos Índios³), que, em fins de 1913, havia instalado ali um Posto de Atração para iniciar a “pacificação” e “integração” dos Xokleng. Segundo Flávio Braune Wiik (2004, p. 150):

Coube a Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, sobrinho do Duque de Caxias, encarregado do SPI, o legado histórico oficial de ser o maior responsável por “atrair”, “pacificar” e tentar integrar os Xokleng à sociedade nacional, a partir de setembro de 1914.

Desde então, todas as mazelas sofridas por qualquer povo indígena após contato com a sociedade não indígena acometeram também os Xokleng: discriminação pela sociedade não indígena, promessas nunca cumpridas pelo Estado de compensações por sua perda e confinamento territorial, falta de assistência de órgãos de saúde, dependência por parte dos índios de ações assistencialistas do governo e, acima de tudo, a inexorável necessidade de “aprender” o mundo não indígena com o qual se depararam, o que levou os Xokleng a se distanciarem deveras de suas antigas práticas culturais como um todo. Dado esse contexto, torna-se ainda mais relevante o fato de que importantes aspectos de sua cosmologia, de seus hábitos sociais e sua língua, não mais conhecidos pelo povo, podem ainda estar conservados nas narrativas de Jules Henry.

O povo Xokleng/Laklãnõ é hoje, majoritariamente praticante de cultos pentecostais e já não mais transmite, como prática cotidiana, as noções antigas de cosmologia, espiritualidade e organização social, relações matrimoniais e conceitos morais. Wiik exemplifica essa nova realidade com as seguintes passagens:

A permeabilidade das fronteiras entre o modelo incorporado pelos líderes religiosos Xokleng e a organização política de sua sociedade atual e da Assembléia de Deus (AD) torna-se evidente através da construção e

³ Criado em 1910, quando realizou os trabalhos de “atração” dos Xokleng o órgão federal tinha o nome de Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, com a sigla SPILTN. Na década de 1920, passou a ser apenas SPI – Serviço de Proteção aos Índios.

da distribuição do poder político entre eles. Assim como as congregações da AD têm pastores regionais e um pastor presidente, que formam instâncias providas de autonomia, mas interligadas, as aldeias Xokleng também têm caciques regionais e um cacique presidente – na época da minha pesquisa – todos com títulos hierárquicos obtidos através da estrutura de poder da igreja. Os caciques Xokleng memorizam e recitam o Estatuto do Índio em reuniões políticas da mesma forma que o fazem com passagens da Bíblia, que carregam consigo dentro das pastas e nas agendas de reuniões reivindicatórias. Muitas vezes, antes de iniciarem reuniões para discutir questões sobre demarcação de terra ou quando vão ao encontro de políticos em Brasília, os líderes Xokleng citam passagens da Bíblia e oram. (WIJK, 2004, p. 159).

[...] na relação estabelecida com os “irmãos crentes” brancos, os Xokleng, pela primeira vez conseguem relacionar-se com os brancos e seu mundo de forma horizontal e não vertical. (WIJK, 2004, p. 162).

A convivência entre os membros da família também se alterou com a presença das escolas e com a necessidade de os pais trabalharem fora de casa, fazendo com que as crianças já não recebam dos pais e dos avós a transmissão oral de suas tradições e a língua. E, nesse mesmo contexto, o programa o “Luz Para Todos”, do governo federal, garantiu às crianças assistir à televisão em Português desde bem cedo. Igualmente, a precariedade das escolas dentro da comunidade – falta de apoio pedagógico e materiais, por exemplo – torna muito difícil a conservação de aspectos culturais como um todo e, principalmente, da língua.

Esta pesquisa foi dedicada a levar aos falantes nativos o resultado do estudo realizado a partir das narrativas recolhidas por Jules Henry. Havia, nisso, dois objetivos, pelo menos: levar ao conhecimento da comunidade a existência dessas narrativas e dar o primeiro passo que crie condições para uma profunda análise da língua Xokleng sob o efeito da passagem dessas oito décadas, tomando esse material por referência.

3 Trabalhando com inéditos de Jules Henry

Jules Henry designou os Laklãnõ pelo termo “Kaingang”, assumindo-os como uma parcialidade ou ramo linguístico e cultural daquela numerosa etnia, conhecida como “Kaingang” desde os relatos etnográficos de Telêmaco Borba, no final do século XIX e começo do século XX (Cf. VEIGA, 2006). Henry escreveu diversos trabalhos sobre eles, sendo os mais importantes os seus artigos de 1935 (*A kaingang text*) e de 1948 (*The kaingang language*), e sua monografia, publicada em 1941, sob o título de “*Jungle People: a Kaingáng tribe of the Highlands of Brazil*”.

No entanto muito material recolhido por ele permanece inédito. A partir de 2012, em contato com a responsável pelo acervo de Jules Henry, sob guarda da Washington University, passei a ter acesso àqueles materiais, estabelecendo, assim, o plano de um primeiro projeto de pesquisa destinado à catalogação do material e ao tratamento de uma pequena parte dele, como experiência piloto.

No conjunto total do material analisado, foram catalogadas 326 narrativas, sendo muitas delas versões diferentes do mesmo mito com variações de personagens ou cenas, diálogos ou outros elementos adicionais não narrados em uma versão, mas sim em outra; versões com mais ou menos detalhamento de um fato, e até mesmo versões complementares de uma narrativa assinaladas por Jules Henry em algumas outras. Foram encontradas 7 narrativas com a versão em língua indígena e com tradução de Jules Henry para o inglês, das quais uma, *The war of the Animals*, já havia sido por ele publicada na obra *Jungle People* (1941).

As sete narrativas com tradução para o inglês foram digitadas, e a transcrição realizada por Henry foi transposta para a notação do IPA (International Phonetic Alphabet). Dessas sete narrativas, uma foi selecionada para a adaptação ortográfica e disponibilização aos falantes nativos. A narrativa escolhida para a primeira apresentação aos falantes e primeira análise levava o título, em inglês, de “His brother’s bones” (“Os ossos do irmão dele”). O produto final esperado nessa fase da pesquisa foi a produção de uma versão da narrativa que pudesse ser lida e reconhecida pelos falantes atuais da língua, mas sem alterar a sintaxe da versão colhida por Jules Henry. Na apresentação do texto aos falantes nativos, as principais preocupações foram identificar qualquer item lexical não conhecido pelos falantes atualmente, e corrigir erros de grafia propostos na etapa anterior do projeto, fossem eles causados por alguma falha de notação do próprio Jules Henry, fossem por erro de aplicação da escrita Xokleng atual durante o próprio trabalho desenvolvido nesta pesquisa. E, finalmente, uma proposta de pontuação do texto foi apresentada, baseada tanto na discussão com os falantes quanto na tradução feita por Jules Henry, também contida no material recebido da Washington University.

A narrativa foi apresentada aos falantes como demonstrada a seguir:

Os ossos do irmão dele

Nabág tẽ vũ é zãla tẽ jata zãla nui tõ vũ tã tóg tẽ mé kózãg mũ é glẽ tẽ ki ti by tẽ kózãg mũ kũ vũ tã é tazyly ke tẽ kũ tã kónhka lovo ha vũ nẽ ki ãnh djé lãlé kũ tã dala tẽ nha zá klẽ tẽ klẽ nha-nha tã tadé dala taply ban nha tã kónhka lovo ha vũ nẽ ki pupke mũ kũ ji tã kó ji kó tó ka ti ji tẽ klẽ taply mũ kũ tã amẽn tẽ ló ti tẽ ló vũ mabó nó tẽ ki agélémẽn kũ tã to tẽ ló vũ juggug tẽ óg ba zi kuzó vũ zi tõ kaitxé nui tẽ nha kũ tã zi to kaitxé nui tẽ nha kũ tã zi to katã zi mõ kónhgág tu kataply mũ tã tẽ kukó tẽ halikéd kũ nódé ke mũ ló zi há vã amẽn katã há ka vã jajéblái jó tẽ to vã ha vã vãzy tẽ ki ha mũ zaján kũ txó ke nhan zi ti mõ ãnh txai ló kũ ma ãnh ve tóg tẽ halike kũ mã tẽ kũ mã ãnh pankitxili jakandjó tẽ nhó zi jé nũ tõ e pan ki txinjaka ke vã ke nha tã zi tai tẽ zi tõ kátxé nui tẽ gé ka tã vap tẽ zi ti é mõ vẽ tẽ halikéd kũ ãnh nhõ e pankitxilijakagja tẽ ãnh nhõ zi ke mũ ló ti mõ zi tẽ kũ tã tõ é pankitxilijakagna nhan tã hã tá vũ kónhgág tu kataply mũ tã tẽ kukó tẽ ha tá txó ke mũ ló ha vũ txó ke tẽ kũ kũ vũ tã to tã vud kũ apla zag zag tẽ tã kó blóiblói kũ juggug tẽ juggug tõ ti pi nha tã vaitxika tẽ mũ kũ tã ti kuka tẽ tu kũ katéle óg ti é jé lãlé nó ló tã katéle nha tã é tõ zág klẽ nha kũ tẽ mũ tẽ klẽ katéle nha kũ klẽ nha-nha tã katéle kũ ti kuka tẽ anmó zo ãn kũ tã kazag kũ tã ka nha-nha vaitxõ kónhgág tẽ kũ óg ti ve jé mũ ke tẽ kũ vũ tã ty mũ hu tógged kũ tã ãnh vég nabó ke tẽ tã tỹ mũ tógged tã tẽ é kake tõ Kujáikág kukó vũ tã tég mũ.

Também foi utilizada como referência a versão com a transcrição de Jules Henry dessa mesma narrativa, que está reproduzida abaixo. Na reprodução a seguir, a primeira linha apresenta a forma exata do original do antropólogo; a segunda linha apresenta as glosas também do original⁴, e a terceira linha traz a transposição para a forma ortográfica atual da língua Xokleng, realizada por mim.

His Brother's Bones

nɔ'mbɛŋ tẽ ɲɔ ɛ 'ðãla tẽ ya'ta

a man's name pred. dem. its feathers pred. hawk

Nabág tẽ vũ é zãla tẽ jata (linha 1)

'ðãla 'nui tɔ ɲɔ tã 'tɔk | tẽ 'me

feathers pulled out inst. dem. he thus pred. dist.

zãla nui tɔ vũ tã tóg tẽ mé (linha2)

kɔ'dãŋ mu ɛ ɲlẽ tẽ 'ki ti mbi tẽ

set upright act. his anus pred. in its tail pred.

kózãg mũ é glẽ tẽ ki ti by tẽ (linha 3)

kɔ'daŋ mu kũ mɔ tã ɛ ta'dili 'ke

set upright act. then dem. he his ascend about to

kózãg mũ kũ vũ tã é tazyly ke (linha 4)

tẽ kũ tã koi'ka 'lovo ha mɔ nɛ

pred. then he sky door dem. dem. sit

tẽ kũ tã kónhka lovo ha vũ nẽ (linha 5)

⁴ As rasuras do original foram igualmente preservadas e reproduzidas aqui.

'ki eŋ dʒæ 'lẽ le kũ tã 'ndala
 in me for alive (watch) then he float
 ki ênh djé lělé kũ tã dala (linha 6)

tẽ a ðɔ 'klẽ tẽ klẽ 'ɲaɲa tã
 pred. pred. pine top pred. top pred. pred. he

~~sand stand~~

(stand for a long time)

tẽ nha zá klẽ tẽ klẽ nha-nha tã (linha 7)

ta'ndɛ 'ndala ta'pli mbaɲ ɲa
 exit float ascend again pred.

tadé dala taply ban nha (linha 8)

tã koi'ka 'lovo ki 'popke mu kũ yi tã

~~strike~~

he sky door on seize act. then it is said he

tã kónhka lovo ki pupke mũ kũ ji tã (linha 9)

kɔ | yi 'kɔ tɔ ka | ti 'yi tẽ 'klẽ
 tree it is said tree inst on he lean pred. top

kó ji kó tó ka ti ji tẽ klẽ (linha 10)

ta'pli mu kũ tã a'mɛ tẽ lɔ ti tẽ
 ascend act. then he road pred. loc. he pred.

taply mũ kũ tã amẽn tẽ ló ti tẽ (linha 11)

lɔ ɲɔ 'mambɔ nɔ tẽ ki a'ŋgele'men
 loc. dem. there was some- camp pred. in noise
 thing doing

ló vũ mabó nó tẽ ki agéléměn (linha 12)

kũ tã 'to tẽ lɔ ɲɔ
 then he to go loc. dem.

kũ tã to tẽ ló vũ (linha 13)

yug'ngug tẽ ɔŋ 'mbɔ ði ku'ðɔ ɲɔ
 hawk pred. their ceremonial mother fem. old dem.

juggug tẽ óg bá zi kuzó vũ (linha 14)

ði tɔ ai'tfæ 'nui tẽ ja kũ tã
 she int. pine knots pull out pred. pred. then he

zi tɔ kaitxé nui tẽ nha kũ tã (linha 15)

ði to ka'tã ði mɔ koi'ngɔŋ 'tu
 she to approach she to man carry

zi to katã zi mɔ kónhgág tu (linha 16)

kataplɪ mu tã tẽ ku'kɔ tẽ hali'ket
 ascend act. he pred. bones pred. interrogative

kataply mũ tã tẽ kukó tẽ halikéd (linha 17)

kũ n'ɔndɛ 'ke mu lo ði ha ŋa a'men
 and lie say act. loc. she dem. part. road
 kũ nódé ke mũ ló zi ha vǎ aměň (linha 18)

ka'tǎ ha 'ka ŋa ya'ye mblzi 'yɔ
 approach dem. on part. broken place
 katǎ ha ka vǎ jajé blái jó (linha 19)

tě to ŋa ha ŋa ŋa'ði tễ ki ha mu
 pred. to part. dem. part. basket pred. in dem. dem.
 tễ to vǎ ha vǎ vǎzy tễ ki ha mũ (linha 20)

ða'yɜŋ kũ 'tʃɔ ke 'ŋan ði ti mǔ
 hang and pred. thus pred. she him to
 zająn kũ txó ke nhan zi ti mǔ (linha 21)

e 'tʃai lo kũ ma ɛŋ ve tɔk | tễ
 me kill imp. then you my appearance thus pred.
 ẽnh txai ló kũ ma ẽnh ve tóg tễ (linha 22)

halike kũ ma 'tễ kũ ma e panki'tʃili-yakaŋ'dʒo
 same and you pred. then you my foot - pick
 halike kũ mã tễ kũ mã ẽnh pankitxili jakandjó
 (linha 23)

tẽ | ɲõ | ði yæ nũ tõ | 'pan

pred. to me give ind. fut. I inst. my foot

tẽ nhó zi jé nũ tõ e pan (linha 24)

ki tʃɨnyaka 'ke ɲa ke 'ɲa tã ði 'tai

in pick about to part. thus pred. he her kill

ki txinjaka ke vã ke nha tã zi tai (linha 25)

tẽ ði tõ kai'tʃæ nui tẽ ɲgæ ka tã 'vap (linha 26)

pred. she inst. pine knots pull our pred. gather

tẽ zi tõ káitxé nui tẽ gé ka tã vap (linha 27)

tẽ ði ti e mõ ɲẽ tẽ hali'ket kũ eɲ 'ɲõ

pred. she him him to speak pred. same then me to

tẽ zi ti é mõ vẽ tẽ halikéd kũ ãnh nhõ
(linha 28)

e panki'tʃiliyakaɲya tẽ eɲ ɲõ ði ke

my foot pick pred. me to give thus

e pankitxilijakagja tẽ ãnh nhõ zi ke (linha 29)

'mu lo ti | mõ | ði tẽ kũ tã 'tõ e panki'tʃiliyakaɲna

act. loc. him to give pred. then he inst. his foot - pick

mũ ló ti mõ zi tẽ kũ tã tõ é pankitxilijakagna
(linha 30)

'ɲan tã hã 'tɜ ɲɔ kɔi'ɲɜɜɲ tu
pred. he dem. where dem. man carry

nhan tã hã tá vũ kónhgág tu (linha 31)

katapli mu tã 'tẽ ku'kɔ tẽ 'ha tɜ tʃɔ
ascend act. it pred. bones pred. dem. where pred.

kataply mũ tã tẽ kukó tẽ ha tá txó (linha 32)

ke mu lɔ 'ha ɲɔ tʃɔ ke tẽ kũ kũ ɲɔ tã
thus act. loc. dem. dem. loc. thus pred. then then dem. he

ke mũ ló ha vũ txó ke tẽ kũ kũ vũ tã
(linha 33)

to tã 'vut | kũ a'pla ðaɲ 'ðaɲ tẽ tã kɔ
to approach take and below set set pred. he tree

to tã vud kũ apla zag zag tẽ tã kó (linha 34)

mblɔi'mblɔi kũ yuɲ'ɲgun tẽ yuɲ'ɲguk
broken then hawk pred. hawk

blóíblói kũ juggug tẽ juggug (linha 35)

tõ ti 'pi ɲa tã ɲaitʃi'ka 'tẽ mu kũ tã
inst. it strike pred. he back again go act them he

tõ ti pi nha tã vaitxika tẽ mũ kũ tã (linha 36)

ti ku'ka tẽ 'tu kũ kata'ele ɔk ti ε yæ 'lẽle
 his bones pred. carry and descend they him him for alive (watch)
 ti kuka tẽ tu kũ katéle óg ti é jé lélé (linha 37)

'no lo tã kata'ele 'na tã ε tõ ðəŋ
 pred. loc. he descend pred. he he inst. pine
 nó ló tã katéle nha tã é tõ zág (linha 38)

'klẽ ja kũ tẽ mu tẽ klẽ kata'ele 'ja
 top pred. then top descend pred.
 klẽ nha kũ tẽ mũ tẽ klẽ katéle nha (linha 39)

kũ klẽ ja'ja tã kata'ele kũ ti ku'ka
 then pred. pred. pred. he descend then his bones
 kũ klẽ nha-nha tã katéle kũ ti kuka (linha 40)

tẽ anmɔ ðo en kũ tã ka'ðəŋ kũ tã ka
 pred. to one side for house and he set upright then he on
 tẽ anmó zo ãn kũ tã kazag kũ tã ka (linha 41)

ja'ja ŋaitʃɔ koi'ŋgɔk tẽ kũ ɔk ti 'ue yæ
 pred. pred. become man pred. and they him se in order to
 nha-nha vaitxõ kónhgág tẽ kũ óg ti ve jé (linha 42)

'mũ ke tẽ kũ ŋɔ tã 'ti mu 'hu
 go thus pred. then dem. he die act. ex.
 mũ ke tẽ kũ vũ tã ty mũ hu (linha 43)

tɔŋ'get	kũ	tã	ɛŋ	uæŋ	na'mbo	ke	tẽ	tã
thus	then	he	me	see		thus	pred.	he
tógged	kũ	tã	ẽnh	vég	nabó	ke	tẽ	tã (linha 44)

tí	mu	tɔŋ'ge	tã	tẽ	ɛ	k'ke	tõ	kuyzi'kɛŋ
die	act.	thus	it	pred.	his	relative	inst.	man's name
tỹ	mũ	tógged	tã	tẽ	é	kake	tõ	Kujáikág (linha 45)

ku'kɔ	ŋɔ	tã	tæŋ	mu
bones	dem.	he	carry	act.
kukó	vũ	tã	tég	mũ (linha 46)

4 O crivo dos falantes nativos

Para identificar palavras desconhecidas pelos falantes nativos, bem como possíveis “erros” na conversão para a escrita Xokleng atual, além da consulta pessoal aos falantes, também foram usados como referência o compêndio de palavras recolhidos por Jolkesky (2010), e o vocabulário contido na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ* (GAKRÃN, 1999). Para referência, foram numeradas as linhas da versão que contém o original de Jules Henry e a proposta de escrita feita na etapa anterior desta pesquisa, reproduzida acima. A numeração está colocada ao final da linha que apresenta o texto na ortografia Xokleng atual.

O primeiro caso observado foi da ocorrência **tɔŋ'get** que aparece na linha 44, para a qual a proposta de escrita atual foi **tógged**. Segundo o falante, a única possibilidade atual seria **tóg** para o significado indicado por J.H. *thus* (assim). Dessa forma, há um complemento **et** registrado por J.H. que não é reconhecido pelo falante. Nenhuma das formas aparece nas listas organizadas por Jolkesky, e no *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ* a forma escrita **tóg** é um demonstrativo: *este, esta, isto*. Uma possibilidade é de que se tenha ali uma forma contrata de **tõŋ + ke**, o que distanciaría de “**tóg**” e glosaria por “*isto + disse*” (“disse isso, disse assim”). Mas permaneceria a questão do “**t**”, que naquele contexto (antecedendo oclusiva surda) deveria ser, fonologicamente, / n /, ou seja, a forma fonológica esperada de **tɔ'get** seria / tɔŋ + ken /. Considerando uma

tradução final do trecho como “ele morreu, dizendo:...” (proposta por Jules Henry em Inglês, “*he died, saying..*”) esta análise parece se confirmar.

A ocorrência do pronome possessivo para terceira pessoa (em inglês na notação de Jules Henry *its* e *his*) como “é” (ε) nas linhas 30, 37 e 38 não é reconhecida pelos falantes nativos na forma ortográfica proposta. Na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ*, a forma escrita como “ẽ” é o pronome de “terceira pessoa, e só funciona como pronome de 3ª pessoa em orações subordinadas ou coordenadas em que o sujeito é o mesmo da oração principal” (GAKRAN, 1999, p. 47). Em um primeiro momento houve um estranhamento por parte do falante, mas, ao ler o texto algumas vezes, ele reconheceu que poderia haver essa pronúncia que consta em J.H. se o texto fosse falado rapidamente. De fato, o que parece ocorrer é que Henry não percebeu a nasalização da vogal, neste e em outros casos, o que não é raro acontecer, sobretudo com falantes nativos de línguas como o Inglês.

A proposta de escrita **tazyly**, a partir da notação de J.H. [taðili]⁵ linha 4, traduzida para o inglês como *ascend* (subir) não foi reconhecida pelo falante e não aparece nas listas consultadas. Tanto na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ* como em Jolkesky (2010) “subir” é **kataply** ou **taply**, que aparecem também na narrativa nas linhas 8, 11 e 17. Porém nesse trecho há uma versão curiosa de Jules Henry: ele usa a palavra inglesa *edge* (margem, beira, canto) imediatamente antes dessa palavra glosada como *ascend*. Isso pode significar que **taply** ou mesmo **ta** permanece como subir e **zyly** ou **zyl** possa significar “beira”, “beirada” ou “canto”.

Na linha 5 aparece [lovo] ao que se seguiu a proposta de escrita **lovo**, também não reconhecida pelo falante, para quem a forma corrente é **lov**, assim como figura em Jolkesky e na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ*. A vogal final em [lovo] é mesmo uma inserção fonética, chamada às vezes de “vogal eco” ou “cópia de vogal”, um fato característico de línguas Jê, e que acontece nas palavras terminadas em **j**, **l**, **v**⁶. O mesmo acontece para a proposta de escrita **dala**, a partir da notação /ndala/ de J.H. que na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ*, para o significado apontado por J.H., *float* (boiar), encontra-se **dal**.

A ocorrência [pupke] “*seize*” (prender) foi registrada por J.H. na linha 9 e, para esse caso, a proposta de escrita foi **pupke**. O falante disse que “essa é uma palavra antiga que pouca gente usa hoje.” Não foi encontrada na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ* mas em Jolkesky, /pum ke/ é “agarrar com força”. Parece que, mesmo tendo produzido uma análise fonológica, o registro de narrativas,

⁵ Estou assumindo que o registro de J.H é fonético, como se verá adiante.

⁶ Prof. Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis - comunicação pessoal.

por Henry, fica mais próximo do fonético quase sempre; portanto [pupke] é provavelmente muito próximo da forma pronunciada pelo falante nativo. O esperado, em Xokleng, é que uma consoante nasal, antecedida de consoante surda, sofra ensurdecimento, pelo menos parcial se a vogal que antecede a consoante nasal for vogal nasal; e se a vogal que antecede a consoante nasal for uma vogal oral, o contexto de uma consoante surda à direita provoca total ensurdecimento da consoante da coda (cf. HENRY, 1948, p. 195; D’Angelis 1998, p. 122). Assim /pum + ke/ > [pupke] é realmente o que se espera que aconteça. Disso resulta que a forma fonológica (e, nesse caso, também ortográfica) para a transcrição [pupke], de Henry, deveria ser mesmo **pumke**.

Outra palavra classificada pelo falante como “antiga” é [ʊmɔ] (linha 12) que Jules Henry define como *there was something doing*, e o falante descreve como “algo que está acontecendo”. A proposta de escrita foi **mabó**, mas ela não consta em Jolkesky nem na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglẽl Mũ*. Mas algo precisa explicar a pré-nasalização medial. A vogal parece ser nasal, para explicar isso, e a forma seria então **mãbó**.

[kuit] aparece nas linhas 15 e 27 e teve por proposta de escrita **kaitxé**. Porém o falante não reconheceu a palavra, e ela não consta em qualquer uma das listas. Na língua irmã, o Kaingang, encontramos **kãsé**, “*nó de pinho*” (WIESEMANN, 2002, p. 134), que se pronuncia [kãʃɛ] no dialeto do Paraná⁷. É provável, portanto, que os jovens Xokleng hoje nem conheçam essa palavra. Apesar de que, no Kaingang, a primeira vogal seja nasal, parece correto assumir a forma registrada e, portanto, aquela forma ortográfica já proposta.

Um dos casos curiosos é o de [yɔʔɛ] que aparece na linha 19 e teve proposta de escrita **jajé**. Porém a palavra não foi reconhecida pelo falante (nesse caso especial, na ocasião havia vários falantes na casa, inclusive uma anciã da comunidade, que também não reconheceram a palavra), não consta nos vocabulários consultados e também não tem tradução na transcrição de Jules Henry. Uma possível interpretação, baseada na versão inglesa de Jules Henry para o texto (“...no braço quebrado do jajé”), é possível sugerir tratar-se do nome de uma árvore: “no galho quebrado do jajé”.

As palavras para “quebrar” e “quebrado”, que foram registradas por J.H como [mblɔi] na linha 19 e [mblɔi] na linha 35, tiveram a proposta de escrita **blái**. Para o falante – e também na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglẽl Mũ* – a forma escrita atual é **bláj**. Assim, esse é um dos casos de correção da escrita proposta durante a pesquisa.

⁷ Prof. Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis - comunicação pessoal.

A proposta de escrita **zaján** para a transcrição [ðɑ'yɛn] na linha 21, com a tradução de J.H. *hang* (pendurar) difere do que consta em Jolkesky como “alçado, pendurado” /ðẽ(ŋ)jəl/ e do que se encontra para “pendurado” na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ*: **zājál**.

Nui foi a proposta de escrita para [nui] na linha 15, e traduzido por J.H. como *pull out* (arrancar). Essa palavra não foi reconhecida pelo falante e não consta em nenhum dos vocabulários. Porém, em Kaingang, encontramos a forma **nũnh** = /nũŋ/, para “tirar, arrancar” (cf. WIESEMANN, 2002, p. 106 e 146); logo, essa é a palavra que está lá, e nesse caso a forma ortográfica coincide: **nũnh**.

Vap aparece como /vap/ na linha 26 também não é reconhecida pelo falante, não consta nos vocabulários e não tem tradução para o inglês por Jules Henry

Jules Henry registrou [tʃai] na linha 22, e a proposta para essa palavra foi **txai**. Porém o falante não reconhece e afirma que “matar” (na tradução de J.H. *kill*) é **tanh**. Em Jolkesky, “matar” é /ten/. Na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ* também consta **tanh**. É possível que tenham ocorrido mudanças, mas talvez um teste feito de outra forma tivesse levado os falantes a reconhecer o que está ocorrendo ali. Assumindo que a forma para matar é /tap/ (ortogr. **tanh**), o sintagma “matar-me” (confirma-se depois, na tradução: “Me mate!) = **ẽnh + tanh** produz essa contiguidade de /ŋ + t/ e aí acontece um processo que o Xokleng teria (já teve, pelo menos) em comum com o Kaingang: **ŋ + t = [ʃ]** no Kaingang, e [tʃ] no Xokleng⁸.

Um caso menor em importância é o das diferentes ocorrências da palavra para “osso” na narrativa. Por vezes, Jules Henry registra [kuka] (linhas 37 e 40) e, por vezes, [kukɔ] (linhas 32 e 46). Para o falante – como também na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ* e em Jolkesky – o corrente é /kuk/, grafado **kukó**.

Há uma ocorrência que traz duas diferenças entre o que Jules Henry registrou e o que se encontra na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ*, pelo falante e por Jolkesky. Na linha 36, aparece [tũ maitʃi'ka] com a tradução de J.H. por “*he back again*” (*ele de volta novamente*) e, em várias outras passagens, /tã/ é traduzido, no inglês, por “*he*”. Porém, tanto em Jolkesky como no *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ*, e da mesma forma na dissertação de Gakran (2005, p. 43), o pronome pessoal de terceira pessoa masculino singular é **ta**. Na proposta de escrita, conservou-se **tã**, mas pode ser pertinente usar a escrita atual **ta**. E **vaitxika** foi a proposta de escrita para o segundo segmento, mas na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglël Mũ* a forma adotada é **vãtxika** para “de volta”. No caso do pronome,

⁸ Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis – comunicação pessoal.

parece improvável que Henry anotasse nasalidade onde não existe (antes, espera-se o contrário). Novamente se pode elucidar com um fato da língua irmã, o Kaingang: a forma feminina é a marcada, sendo a forma “masculina” (não feminina) a não marcada. Assim sendo, em orações em que o sujeito é um pronome de 3ª pessoa singular feminino e, sendo a Marca de Sujeito obrigatória, as frases começam por formas como “fi tā”, “fi tóg”, “fi vỹ” etc. (há várias marcas de sujeito). Em Xokleng, equivaleria a formas como “zi vũ”, “zi tō” (cf. GAKRAN 2005, p. 48 e 56). No entanto, quando o sujeito da oração é 3ª pessoa masculino singular (o típico caso não marcado), o pronome é dispensado, e a frase aparece tendo apenas a Marca de Sujeito representando o próprio sujeito, de modo que há frases, em Kaingang, que começam com “tã”, “tóg”, “vỹ” etc.⁹. É isso que parece estar acontecendo nessas frases anotadas por Henry (a tradução será mesmo “he”, mas não seria corretamente a glosa; essa deveria ser: *Marca de Sujeito*). É provável que *tã* fosse uma forma comum de Marca de Sujeito, hoje abandonada. Seguramente o Xokleng – como o Kaingang paulista – por obsolescência, perdeu várias nuances gramaticais.

Casos de proposta divergente de escrita menores foram corrigidos seguindo a publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglêl Mũ*, como acontece no trecho na linha 35 em que [yũŋ'ŋguk] recebeu a proposta de escrita **juggug** mas na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglêl Mũ* a grafia é **jugug**. Em Jolkesky, “gavião” é registrado, fonologicamente, como /juŋuŋ/.

Na linha 34, a transcrição [vu] (*take* = pegar) de J.H foi escrita como **vud** na proposta. O falante reconheceu a palavra, mas defendendo que seria, na verdade, /vu/, enquanto no *Ag Vẽ Tẽ Káglêl Mũ*, “pegar” é escrito **vun**. O ambiente em que ocorre na transcrição de J.H é /tã 'vt kũ ɔ'la/. É o mesmo ambiente já citado anteriormente, em que uma consoante nasal é dessoantizada quando seguida por consoante surda: **vun + kũ** > vut kũ.

Uma sequência de casos interessantes acontece nas linhas 23, 25, 29 e 30: variações do que seria a expressão “arrancar”, ou “tirar” (em inglês: *pick e foot pick*) aparecem e não são reconhecidas pelo falante (vários falantes, nesse caso em particular) e não constam na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglêl Mũ*, nem em Jolkesky: [panki'tjili-yakaŋ'dʒo], linha 23; [tʃŋak], linha 25; [panki'tjiliyakaŋya], linha 29 e [panki'tjiliyakaŋna], linha 30. O aspecto mais interessante da conversa com os falantes sobre esse trecho foi que nenhum deles, ao ouvir as palavras, pode reconhecê-las como parte do léxico. Mas ao ler o texto, o falante Carl Lewis começou a segmentar a escrita e tentar associar sentidos. Para o falante, as associações possíveis foram: **pan** = *pé*, consta no *Ag Vẽ Tẽ Káglêl Mũ*; **kitxili** = *tirar*, não consta na publicação *Ag Vẽ Tẽ Káglêl Mũ*; **ka/ki** = *dentro*, consta

⁹ Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis - comunicação pessoal.

na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ*; e **djo** = *tirar* mas não consta na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ*. Algumas relações também podem ser feitas com o Kaingang mediante alguma segmentação (nenhuma palavra Xokleng teria esse tamanho):

panki'tjiliyakanya : **pân** = *pé*, ou **pãm** = *tirar alimento da panela, dividir* (WIESEMANN, 2002, p. 70).

ki'tjiliyakanya : **ke** = *fazer*, ou, *sobra, resto* (WIESEMANN, 2002, p. 44).

tjiliyakanya : **tjili** = /tjil/ (Kgg **sir** = *fir*), *então, daí* (WIESEMANN, 2002, p. 82).

yakanya : **jakajên** / **jakajân** = *virar de dentro para fora* (WIESEMANN, 2002, p. 27).

yakanya : **jāké** ou **jāka** + *virado (transformado ?)*

Talvez as mais prováveis sejam as últimas segmentações, com **yaka** que possivelmente trata de transformação, e, talvez por isso, a palavra se repete, porque a ideia se repete no texto traduzido: *vire-se nisso, se transforme naquilo...*.

A sequência [tê hai'et kũ], que ocorre nas linhas 17 e 23, é glosada por J.H. na linha 17, como *interrogative* e, na 23, como *same* (o mesmo, igual). Na linha 28, a sequência aparece como [tê hai'ε kũ] e também traduzida por *same*. O falante não reconhece a oclusiva final "t", que aparece na linha 17. Concluo que possa ter havido um erro de interpretação de J.H. Em Jolkesky, "igual a" aparece como /hali/ e como /like/, /hε/ aparece como *enfático*, /hɛliken kũ/ como "por quê" e /hɛliken je/ como "para quê". Podemos associar a glosa "interrogative" com a forma traduzida como "por que", em Jolkesky, de modo que ali temos o contexto já comentado outras vezes: uma consoante nasal em coda seguida de um onset surdo: **hɛliken** + **kũ**, do qual o esperado será **ket kũ**. Portanto essa é a forma que assumo estar na linha 17, onde certamente ocorre um diálogo e uma pergunta de um personagem para outro. A forma ortográfica será terminada em **n**.

E há, ainda, um último comentário a ser feito a respeito das palavras que constam na versão traduzida por Jules Henry já completa para o inglês, na qual os nomes de alguns pássaros ficaram sem tradução e foram mantidas as palavras em Xokleng. Dois casos curiosos, **yatadn** e **kôkôlidn** constam também na publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ*, mas como **jata** = *urubu* e **kôkoli** = *gavião*. Na própria tradução de Jules Henry, **jatadn** é re-escrito como **yata**. Ainda aparecem **vidvidn** e **jugnngugn** na versão de J.H. E **kôkedn**, que também aparece, pode se referir a **kóká** = *gavião macaco*, segundo a publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ*.

5 A tradução da narrativa recuperada

A proposta de Jules Henry para a tradução dessa narrativa foi a seguinte e consta entre os materiais do acervo da Washington University.

“Nanmbégn pulled out the feathers of the yata, placed them along his own arms and stuck its tail in his anus. When he was about to go up, he said, “The hole in the sky is right there. Watch out for me there”. Then, he floated along until he lit on top of a pine tree. After staying there a while he left it and went up until he reached the hole in the sky and alit on its edge. He ascended on a pole that he placed at the opening (1). As he went along the road he heard a noise in a campsite. He went on the direction of it and came upon the hawk’s old mbó who was pulling out pine knots (2). He went up to her and said, “Where are the bones of the man who was carried up? (3)” “They are on the road. They are in the basket that is hanging from the broken limb of a yayé”. Then she said to him, “Kill me! You look like me and you will be able to approach. (When you approach say), “Give me my foot-pick”. He proceeded to pick his feet and said, “Where are the bones of the man who was carried up?” “They are hanging there”. So he went and set them on the ground. Then he took sticks and threw them at the hawks saying, “Change into a yatadn (4) and eat rotten things! Change into vidnvidn and eat rotten things! Change into yugnnggugn and eat porcupines! Change into Kôkedn and eat birds! Change into kôkôlidn and eat rats! Change into vign and eat rats! Change into kuku and eat toads! Change into tesoureiro (5) and eat wasps!(6)”. That is what he said to them. He hit them therefore they became small. At last he went back. He took his bones and went down. They were there looking for him. As he came down he alit on the same pine tree on which he had alit when he went up. He stayed there a while and, then, coming down, made a house for the bones off to one side. Then he put them in there. When they changed into a man the people all went there to see. So he died, saying, “Thus they are looking at me. This is why the dead do not return. Then he died. That’s all.

(1) This idea was introduced by a captured Brazilian into Kaingang Folklore.

(2) Pulling them out of the ground.

(3) Nanmbégn’s brother, Kuyéikegn, had foretold his own death through a hawk.

(4) This is the story of how all the different kinds of hawks came into being. Originally, there were only birds of the kind that carried to the sky, but when Nanmbégn hit them with sticks they became the present types.

Not a hawk

This is an excellent display of Kaingang observation.

Uma possível tradução para o Português, dessa versão de Jules Henry:

“Nanmbégn tirou as penas do urubu, colocou-as ao redor de seu próprio braço e enfiou o rabo do urubu em seu próprio ânus. Quando ele estava para subir, ele disse, “O buraco do céu está bem aí. Fique olhando para mim ali.” Então ele flutuou até pousar no topo de um pinheiro. Depois de ficar ali um tempo, ele subiu mais até alcançar o buraco no céu e pousou na beiradinha (do buraco). Ele subiu em um banco que ele colocou na abertura (1). Enquanto ele passava pela estrada, ele ouviu um barulho em um acampamento. Ele foi na direção do barulho e deparou-se com a mãe de cerimônia do gavião que estava colhendo pinhão (2). Ele foi até ela e disse, “Onde estão os ossos do homem que foi levado para o alto? (3)” “Eles estão na estrada. Eles estão no cesto que está pendurado no galho quebrado do jajú”. E então ela disse para ele, “Me mate! Você se parece comigo e você poderá se aproximar” (quando você se aproximar, diga) “Me dê meu graveto”. Então ele continuou a cutucar o pé e disse, “Onde estão os ossos do homem que foi levado para o alto?”. “Eles estão pendurados lá”. Então ele foi até lá e os colocou no chão. Depois ele pegou gravetos e atirou-os nos gaviões, dizendo, “Transforme-se em *jatadn* (4) e coma coisas podres! Transforme-se em *vidnvidn* e coma coisas podres! Transforme-se em *jugnnggugn* e coma porcos-espinho! Transforme-se em *kô-dkedn* e coma pássaros! Transforme-se em *kôkôlidn* e coma ratos! Transforme-se em *vign* e coma ratos! Transforme-se em *kuku* e coma sapos! Transforme-se em tesoureiro (5) e coma vespas! (6)”. Foi isso que ele disse para eles. Ele bateu neles por isso eles ficaram pequenos. E, finalmente ele voltou. Ele pegou seus ossos e desceu. Eles estavam lá procurando por ele. E, quando ele desceu, ele pousou no mesmo pinheiro em que tinha pousado quando subiu. Ele ficou lá por um tempo e, depois, descendo, fez uma casa para os ossos afastado, ao lado. E colocou-os lá. Quando eles se transformaram em um homem, as pessoas todas foram lá para ver. E então ele morreu, dizendo, “Assim, eles estão olhando para mim”. É por isso que os mortos não voltam mais. E ele morreu. E é isso.

(1) Essa ideia foi introduzida no folclore Kaingang¹⁰ por um brasileiro cativo.

(2) Tirando-os do chão.

(3) O irmão de Nanmbégn, Kuyéikegn, havia previsto a própria morte, através do gavião.

(4) Essa é a história de como os diferentes tipos de gavião vieram a existir.

¹⁰ É preciso lembrar que Jules Henry chamou os Xokleng/Laklãnõ de “Kaingang”.

Originalmente, só havia pássaros do tipo que subiram ao céu, mas quando Nanmbégn bateu neles com os gravetos, eles se tornaram os tipos atuais.

(5) Não é um gavião (possivelmente o pássaro *tesoura* – OVJr).

(6) Essa é uma excelente demonstração de observação Kaingang.

Contudo, a tradução que J.H. apresenta, bastante completa, dessa narrativa pode ter sido influenciada por outras versões do mesmo mito, já que o trecho em que ele narra a transformação de gavião para outros pássaros não aparece na versão anotada em língua indígena, e a frase final, traduzida da versão em Xokleng, seria, na verdade, “Assim eles estão olhando para mim. Então ele me vê. E assim ele carregou os ossos de seu amigo, Kuijáikag”.

6 A versão em forma ortográfica

Considerando então, a análise do léxico feita com os falantes e consultando a publicação *Ag Vê Tê Káglêl Mũ* e Jolkesky (2010), comparando com a proposta de tradução de Jules Henry, suas anotações e as leituras realizadas pelo falante Carl Lewis, a proposta de versão ortográfica final da narrativa apresentada aqui é a que se segue.

Nabág tẽ vũ e zãla tẽ jata zãla nui tõ vũ tã tóg tẽ mé kózãg
mũ e glẽ tẽ ki ti by tẽ kózãg mũ. Kũ vũ tã e tazyly ke tẽ. Kũ
tã kónhka lov ha vũ nẽ ki ãnh djé lãlé. Kũ tã dala tẽ nha zá
klẽ tẽ klẽ nha-nha tã tadé dala taply ban nha tã kónhka lov ha vũ
nẽ ki pupke mũ. Kũ ji tã kó ji kó tó ka ti ji tẽ klẽ taply mũ. Kũ
tã amẽn tẽ ló ti tẽ ló vũ mabó nó tẽ ki agélémẽn. Kũ tã to tẽ ló
vũ jugug tẽ óg ba zi kuzó vũ zi tõ kaitxé nui tẽ nha. Kũ tã
zi to kaitxé nũnh tẽ nha kũ tã zi to katã zi mõ kónhgág tu kataply mũ
tã tẽ kukó tẽ haliké. Kũ nódé ke mũ ló zi há vã amẽn katã
há ka vã jajé bláj jó tẽ to vã ha vã vãzy tẽ ki ha mũ zaján. Kũ txó
ke nhan zi ti mõ ãnh tanh ló. Kũ ma ãnh ve tóg tẽ halike kũ
mã tẽ. Kũ mã ãnh pankitxili jakandjó tẽ nhó zi jé nũ tõ

e pan ki txinjaka ke vã. Ke nha tã zi tanh tẽ zi tõ kátxé nui tẽ gé ka tã vap tẽ zi ti e mõi vẽ tẽ haliké. Kũ ãnh nhõ e pankitxilijakagja tẽ ãnh nhõ zi ke mũ ló ti mõi zi tẽ. Kũ tã tõi e pankitxilijakagna nhan tã hã tá vũ kónhgág tu kataply mũ tã tẽ kukó tẽ ha tá txó ke mũ ló ha vũ txó ke tẽ. Kũ kũ vũ tã to tã vun kũ apla zag zag tẽ tã kó blábláj. Kũ jugug tẽ jugug tõi ti pi nha tã vaitxika tẽ mũ. Kũ tã ti kukó tẽ tu kũ katéle óg ti é jé lãlé nó ló tã katéle nha tã e tõi zág klẽ nha. Kũ tẽ mũ tẽ klẽ katéle nha. Kũ klẽ nha-nha tã katéle. Kũ ti kuka tẽ anmó zo ãn kũ tã kazag. Kũ tã ka nha-nha vaitxõ kónhgág. Tẽ kũ óg ti ve jé mũ. Ke tẽ kũ vũ tã ty mũ hu tógged kũ tã ãnh vég nabó. Ke tẽ tã tỹ mũ tógged tã tẽ é kake tõi kujáikág kukó vũ tã tég mũ.

7 Conclusão

Há pelo menos uma razão muito importante para que se queira recuperar essas narrativas escritas, que vão além do interesse meramente linguístico e antropológico. A razão está em poder colocá-las à disposição do povo Laklãnõ/Xokleng: esse é um grupo humano que passa, nas últimas décadas, por um processo de ressignificação de sua própria existência, o que inclui, entre outras, a passagem de povo que transmite sua cultura pela oralidade para um povo que precisa escrever e ler o que pensa para ter sua cultura legitimada. No entanto o que ele lê e escreve raramente é seu, pois o que era seu nunca foi escrito nem lido. Assim diz Paulo Freire (2011, p. 30):

Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais do processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares

faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade.

Que não se pretende um povo se vendo obrigado a manter sua língua engessada no que outrora foi, é óbvio. Mas um povo como os Xokleng pode muito bem se beneficiar de um material que lhe traga uma mínima parte do que foi um dia sua língua em forma de mitos e narrativas e se apropriar disso, em sua nova realidade, como material de valor para seu próprio processo de educação no mundo em que, agora, constroem para si.

Referências

BOAS, Franz. *Handbook of American Indian Languages*. London: Routledge and Thoemmes Press, 1997. (1. ed. 1911).

BUBLITZ, Terezinha. *Análise fonológica preliminar da língua Xokleng*. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF.

D'ANGELIS, Wilmar R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), Campinas, SP.

D'ANGELIS, Wilmar R.; CUNHA, Carla M.; RODRIGUES, Aryon D. (Org.). *Bibliografia das línguas Macro-Jê*. Campinas, SP: IEL-UNICAMP, 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Campinas, SP: Cortez, 2011.

GAKRAN, Nanblá. *Ag vê tẽ Káglẽl Mũ*. São Leopoldo, RS: COMIN-IECLB [1999].

_____. *Aspectos morfossintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng) Jê*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), Campinas, SP.

HENRY, Jules. A Kaingang Text. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 8, n. 3/4, p. 172-18, 1935.

_____. *Jungle people. A Kaingáng Tribe of the Highlands of Brazil*. New York: Vintage Books, 1964. (1. ed. 1941).

_____. The Kaingang Language. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 14, n. 3, p. 194-204, 1948.

JOLKESKY, Marcelo P. de Valhery. *Reconstrução fonológica e lexical do Proto - Jê Meridional*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), Campinas, SP.

URBAN, Greg. Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics*, v. 51, n. 2, p. 164-187, 1985.

VEIGA, Juracilda. *Aspectos fundamentais da cultura Kaingang*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2006.

WIESEMANN, Ursula. *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1971.

WIIK, Flávio B. O evangelho transformado: apropriações Xokleng (Jê) do cristianismo pentecostal. In: WRIGHT, R. M. (Ed.). *Transformando os deuses: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004. v. 2, p. 141-168.

Recebido em 3 de fevereiro de 2015

Aprovado para publicação em 30 de junho de 2015